

CORREIO BRASILENSE 25 JAN 1997

# SAÚDE EM CASA

Ricardo Mendes  
Da equipe do Correio

O governador Cristovam Buarque é um entusiasta de slogans. Costuma dizer que, na última eleição presidencial, faltou ao PT um projeto que pudesse ser sintetizado em uma frase marcante como “Cinquenta anos em cinco” — consagrada pelo presidente Juscelino Kubitschek — para se contrapor ao rolo compressor do Real, que elegeu Fernando Henrique Cardoso. Em seu governo, Cristovam cria *grifes*. Para gerar empregos, lançou o BRB Trabalho. Para a educação, inventou a Bolsa Escola. Na próxima terça-feira, será a vez de anunciar a marca que pretende imprimir à saúde: o atendimento médico familiar, batizado de Saúde em Casa.

Inspirado no programa cubano de assistência, o governo implantará um sistema de acompanhamento domiciliar para monitorar a saúde de uma população calculada em 200 mil pessoas, distribuídas entre Planaltina, Sobradinho, Santa Maria, Samambaia e São Sebastião. “A saúde, no nosso governo, pode ter sua marca, assim como a Bolsa Escola está sendo para a educação”, comenta a secretária de Saúde, Maria José Maninha.

O trabalho inicialmente será feito por 10 equipes em Santa Maria, a partir março. Em abril, mais trinta grupos começarão a trabalhar nas outras cidades. As equipes serão formadas por 12 pessoas, incluindo médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem e agentes comunitários de saúde, a serem escolhidos entre os moradores das áreas monitoradas. Cada equipe ficará responsável pelo equivalente a mil famílias. “Isso equivale a quatro quadras de uma cidade como Samambaia”, explica a secretária.

Ela confirma que a novidade exigirá contratação de profissionais. No entanto, nega que irá, com isso, aumentar a folha de pagamento da Fundação Hospitalar — o que iria contrariar não só a Secretaria de Fazenda, como também o governo fe-

Carlos Moura



Pedro Francisco ficou quatro meses internado no hospital por causa de um derrame e agora recebe atendimento em casa num sistema que deve ser ampliado para todo o Distrito Federal

deral, que limitou no ano passado os repasses para gastos com pessoal.

A fórmula, diz ela, está em uma portaria do Ministério da Saúde conhecida como Nob 96. “Essa norma prevê que o Ministério repassará recursos para cobrir programas firmados em parceria com instituições filantrópicas ou organizações não-

governamentais”, esclarece Maninha. Para isso, o governador vai assinar, na próxima terça-feira, um convênio com Ministério da Saúde e o Instituto Candango de Solidariedade, presidido pela primeira-dama, Gladys Vasconcelos.

A instituição poderá contratar médicos sem concurso público, que

serão vinculados a ela e, portanto, não integrarão a folha de pagamento da Fundação Hospitalar.

“O primeiro mês do programa terá de ser bancado pelo tesouro do Distrito Federal, mas receberemos dinheiro do Ministério a partir do segundo mês”, aposta Maninha, desdenhando os tempos de vacas

magras na economia do governo local. Ela estima que o programa custará R\$ 7 milhões ao ano. A quantia equivale à despesa mensal com ticket-alimentação do funcionalismo — que, por sinal, não é pago desde o ano passado sob a justificativa de falta de recursos.

A implantação do programa Saú-

de em Casa trará ainda outras mudanças. De acordo com um diretor de hospital, alguns centros de saúde terão de ser transformados em policlínicas. O investimento, ainda não detalhado, representará um gasto adicional, mas deverá diminuir a demanda de atendimento nos hospitais.

## Sistema já funciona

Valesca Riviéri  
Da equipe do Correio

Há 16 Km do Hospital Regional de Sobradinho (HRS), numa casa do Condomínio Vila Verde, o quarto de Victor Diógenes Macêdo, 8 anos, tem cilindro de oxigênio, tubo de soro fisiológico e cama com grades de ferro — lembra um quarto de hospital. Mas a cortina do Mickey, livros e brinquedos também estão quarto do garoto, que recebe atendimento médico à domicílio.

Antes de cair dentro de uma piscina, com seis anos de idade, Victor foi uma criança normal. A mãe, Marínes de Assis Macêdo, calcula que o filho tenha ficado dez minutos debaixo d’água. O garoto teve paralisia cerebral, e hoje só movimenta os olhos. Há quatro meses, Victor é atendido pelo Serviço de Assistência Multiprofissional (Samed), feito pelo HRS. O serviço vai servir de modelo para o projeto Saúde em Casa. A diferença é que o Samed antecipa a alta de pacientes que passaram pelo HRS, fazendo o acompanhamento médico em casa, enquanto o programa Saúde em Casa realizará visitas periódicas a toda comunidade.

O atendimento domiciliar é feito numa Kombi e a equipe é formada por seis pessoas: um médico, uma

enfermeira, dois auxiliares, um fisioterapeuta e o motorista. É o que acontece com Pedro Francisco, 62 anos. Depois de ficar quatro meses internado por causa de um derrame a equipe mede a pressão, faz exercícios e cuida da ferida da perna do paciente. É a rotina da enfermeira Márcia Ferreira. “A ajuda psicológica também é muito importante. A gente se envolve mais e tem que ser amigo da família”, explica Márcia.

### SUCESSO

Funcionando há dois anos, o Samed já mostra resultados positivos. Foram tratados 400 pacientes à domicílio. Segundo o diretor do HRS Walter Gaia, de cada 100 pacientes atendidos pelo hospital, dois são admitidos no serviço.

“O principal objetivo do Samed é diminuir o número de pacientes internados, melhorar a assistência médica, a qualidade de vida dos pacientes, reduzir custos e a taxa de infecção hospitalar”, explica o diretor.

Apesar do hospital ser procurado por moradores de Goiás, Bahia e Minas Gerais, o atendimento do Samed é exclusivo para os pacientes de Sobradinho e da área rural. “Várias pessoas alugam um barraco de fundo para poder receber a assistência à domicílio”, delata o diretor.